



A INDISSOCIABILIDADE DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: TRIPE OU HÉLICE?

1 MICHELE PEREIRA DE SOUZA DA FONSECA

2 ANGELA BRÊTAS

1 Doutora e Mestre em Educação (UFRJ). Professora da EEFD-UFRJ.

Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/3628782671116228>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0355-2524>

2 Doutora em Educação (UERJ) e Mestre em Educação (UFF). Professora da EEFD-UFRJ.

Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/7699844714088780>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7464-3146>

Correspondência para: michelefonseca@eefd.uff.br; labretas@gmail.com

Submetido em 27 de julho de 2025

Primeira decisão editorial em 08 de setembro 2025.

Segunda decisão editorial em 10 de novembro de 2025.

Aceito em 10 de dezembro de 2025

Resumo: O artigo propõe tensionar a concepção estática do tripé e provocar reflexões acerca da possibilidade de uma hélice, que represente de maneira mais concreta e democrática a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A partir de uma análise crítica e situada, o texto defende a hélice como movimento espiralado, dinâmico e interdependente, em que extensão, ensino e pesquisa se retroalimentam em fluxo contínuo de práticas e saberes. A extensão, nesse modelo, ocupa lugar de impulso e articulação, ao conectar a universidade com os territórios populares, com os saberes historicamente deslegitimados e com os desafios concretos da realidade. O ensaio enfatiza o papel formativo da extensão universitária como prática dialógica, pedagógica e política, capaz de reconfigurar o sentido da indissociabilidade para além da retórica institucional. Defende-se que a hélice, por sua natureza fluida, contextualizada e insurgente, representa uma possibilidade ética, epistemológica e política de resistência à mercantilização da universidade e de afirmação de um projeto público, democrático e socialmente referenciado.

Palavras-chave: Extensão, Universidade, indissociabilidade

THE INSEPARABILITY OF TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION: TRIPOD OR HELIX?

Abstract: This article seeks to challenge the static conception of the tripod and to provoke reflections on the possibility of a helix, one that represents the inseparability of teaching, research, and extension in a more concrete and democratic way. Based on a critical and situated analysis, the text advocates for the helix as a spiral, dynamic, and interdependent movement, in which extension, teaching, and research feed one another in a continuous flow of practices and knowledge. In this model, extension assumes on the role of impulse and articulation, by connecting the university with popular territories, historically delegitimized knowledge, and the concrete challenges of reality. The essay emphasizes the formative role of university extension as a dialogical, pedagogical, and political practice capable of reconfiguring the meaning of inseparability beyond institutional rhetoric. Due to its fluid, contextualized, and insurgent nature, the helix is presented as an ethical, epistemological, and political possibility of resisting the commercialization of the university and affirming a public, democratic, and socially committed project.

Keywords: Extension, University, inseparability

LA INSEPARABILIDAD DE LA ENSEÑANZA, LA INVESTIGACIÓN Y LA EXTENSIÓN: ¿TRÍPODE O HÉLICE?

Resumen: El artículo busca tensionar la concepción estática del trípode y provocar reflexiones sobre la posibilidad de una hélice, que represente de forma más concreta y democrática la inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión. A partir de un análisis crítico y situado, el texto defiende la hélice como un movimiento espiralado, dinámico e interdependiente, en el que la extensión, la enseñanza y la investigación se retroalimentan en un flujo continuo de prácticas y saberes. En este modelo, la extensión ocupa un lugar de impulso y articulación, al conectar la universidad con los territorios populares, los saberes históricamente deslegitimados y los desafíos concretos de la realidad. El ensayo enfatiza el papel formativo de la extensión universitaria como práctica dialógica, pedagógica y política, capaz de reconfigurar el sentido de la inseparabilidad más allá de la retórica institucional. Se sostiene que la hélice, por su naturaleza fluida, contextualizada e insurgente, representa una posibilidad ética, epistemológica y política de resistencia frente a la mercantilización de la universidad y de afirmación de un proyecto público, democrático y socialmente comprometido.

Palabras clave: Extensión, Universidad, inseparabilidad

Introdução

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede a leitura da palavra. (Paulo Freire)

A universidade, enquanto espaço social de produção e difusão de conhecimento, ocupa lugar central na formação de sujeitos críticos e na construção de transformações sociais. Ao longo de sua história, grande parte do conhecimento produzido nas universidades e nas instituições de pesquisa, especialmente no campo das ciências sociais e humanas, não teve sua dimensão branca e eurocentrada amplamente questionada. Esse cenário evidencia o poder consolidado nesses espaços e o consequente apagamento de outras formas de perceber e compreender o mundo.

Entretanto, nos últimos anos, diferentes movimentos acadêmicos, sociais e políticos têm tensionado essa lógica hegemônica, buscando afirmar epistemologias plurais e modos outros de existir, produzir e compartilhar saberes. Ainda que esses movimentos enfrentem resistências e limites institucionais, eles indicam fissuras importantes nesse modelo tradicional. Diante desse contexto, impõe-se a questão: como inquirir, desafiar e desestabilizar atributos de neutralidade, verdade e domínio tão profundamente enraizados?

A universidade, ainda em muitos aspectos encastelada em si mesma, precisa enfrentar esse desafio. Para isso, é fundamental ocupar espaços no meio acadêmico, “estar lá dentro”, participar ativamente e intervir em seu cotidiano. É nesse processo que outras lentes podem ser acionadas, contribuindo em todos os âmbitos: na reflexão, na proposição e na operacionalização do princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tríade que constitui (ou deveria constituir) a base da vida universitária. No entanto, como essa tríade se configura na realidade? A correlação de forças entre esses eixos é justa? As bases desse chamado tripé são realmente indissociáveis e equivalentes? E, sobretudo, essa estrutura faz sentido para a comunidade acadêmica?

A extensão universitária, entendida como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 42), apesar de seu grande potencial, ainda permanece invisibilizada quando comparada ao ensino e à pesquisa, com “marcas históricas dessa subalternidade expressas na falta de interesse e, até mesmo, de compreensão de seu conceito por parte significativa dos professores universitários” (Crocco; Oliveira, 2023, p. 8).

Este ensaio, motivado por inquietações e experiências vivenciadas como docentes na universidade pública, busca refletir criticamente acerca da configuração atual do tripé acadêmico e problematizar a rigidez dessa estrutura. Mais do que propor uma reconfiguração, sugerimos uma perspectiva ampliada: a hélice extensão-ensino-pesquisa. Esta concepção visa ressignificar a compartimentação tradicional dos pilares universitários, apontando para uma

relação interdependente, dinâmica e dialógica que valorize equitativamente os três eixos. Ao inverter a ordem tradicional "ensino, pesquisa e extensão", propõe-se uma hélice em que a extensão ocupa posição de impulso e articulação, deslocando a ideia de hierarquia entre os pilares e afirmando seu potencial epistemológico e formativo. Assim, objetivamos tensionar a concepção estática do tripé e provocar reflexões acerca da possibilidade de uma hélice, que represente de maneira mais concreta e democrática a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Entre a retórica do tripé e a construção de uma hélice em movimento

A consolidação do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão permanece como um desafio persistente na realidade universitária brasileira, apesar de estar inscrito como dever constitucional desde 1988, no artigo 207 da Constituição Federal (Brasil, 1988). Esse princípio, longe de representar uma simples formalidade, está diretamente vinculado ao projeto de universidade socialmente referenciada, cuja gênese se deu a partir das lutas sociais que questionavam modelos elitistas e excludentes de produção e difusão do conhecimento.

Entre as diretrizes¹ estabelecidas pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), a indissociabilidade se destaca por reafirmar a extensão universitária como um processo acadêmico que adquire maior potência quando articulado ao ensino e à pesquisa. Não se trata apenas da coexistência de três funções institucionais, mas a busca por um entrelaçamento dinâmico que potencializa a formação de sujeitos críticos e o compromisso da universidade com a transformação social. Ainda assim, a compreensão desse princípio é frequentemente marcada por interpretações divergentes e, por vezes, superficialmente reduzidas à metáfora do "tripé" da universidade (FORPROEX, 2012; Britto, 2017).

A imagem do tripé, recorrente na literatura acadêmica (Deus, 2020; Rovati; D'Otaviano, 2017), sugere um equilíbrio necessário entre três eixos fundantes: ensino, pesquisa e extensão. No entanto, como observa Mazzilli (1996), esse arranjo simbólico foi historicamente tensionado por forças sociais que buscavam romper com a lógica conservadora e tecnicista da universidade, defendendo um projeto emancipador e comprometido com as demandas populares. Nesse sentido, o princípio da indissociabilidade emerge como resposta contra-hegemônica, exigindo a integração orgânica entre as dimensões que compõem a vida universitária.

¹ Interação dialógica, interdisciplinariedade e interprofissionalidade, indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, impacto na formação do estudante e, impacto e transformação social (FORPROEX, 2012).

Apesar da ampla difusão desse modelo, como observa Gonçalves (2015), a adoção do tripé como missão institucional não garante, por si só, a implementação efetiva da indissociabilidade. Muitas vezes, o ensino, a pesquisa e a extensão são desenvolvidas como ações paralelas e fragmentadas, o que revela que coexistência não equivale a indissociação. Essa separação velada tem implicações importantes na formação acadêmica, que pode se restringir à lógica conteudista ou produtivista, relegando a extensão a um papel secundário ou meramente ilustrativo.

Além disso, embora o tripé pressuponha uma interdependência entre seus eixos, há um desequilíbrio notório nas práticas institucionais. A extensão, frequentemente referida como a ‘parte mais frágil’ da tríade (Coletivo Caetés, 2017), é marcada por limitações de recursos, tempo e reconhecimento. Ainda que constitua um canal privilegiado de interlocução com a sociedade, permanece como o ‘primo pobre’ da universidade, sendo realizada muitas vezes apenas ‘se, e quando, for possível’ (Rovati; D’Otaviano, 2017).

Essa nomeação, entretanto, não é neutra. Embora compreendamos o sentido de denúncia presente na expressão “primo pobre”, ao empregá-la também tornamos visível uma hierarquia historicamente naturalizada no imaginário acadêmico. A metáfora, amplamente utilizada nos debates sobre extensão, revela e simultaneamente reforça uma lógica de subalternização que vem sendo tensionada, especialmente quando reconhecemos a extensão como dimensão formativa, epistemológica e política indispensável à universidade pública.

Essas reflexões revelam a necessidade de repensar o lugar da extensão na universidade, não como apêndice ou função complementar, mas como dimensão estruturante da formação e da produção de conhecimento. Como apontam Filadelfi *et al.* (2018), o princípio da indissociabilidade, embora reiterado nos documentos institucionais, é mais teórico do que prático. A experiência cotidiana nas universidades públicas explicita que o modelo ainda está distante de uma articulação efetiva entre ensino, pesquisa e extensão.

Ao compreender cada eixo da universidade como dotado de especificidades, é possível reconhecer o ensino como espaço de construção coletiva do saber, para além da transmissão de conteúdos, com potencialidades de construir reflexões críticas e formar sujeitos historicamente situados. A pesquisa, por sua vez, deve estar aberta à escuta das demandas sociais e à produção de conhecimento comprometido com a transformação. Já a extensão emerge como dimensão que rompe os muros acadêmicos, desencastelando a universidade e aproximando-a da sociedade em movimento conjunto.

Nessa perspectiva, a extensão não se resume a uma aplicação do que foi previamente ensinado ou pesquisado, mas constitui um processo de construção coletiva de conhecimento em diálogo com os saberes populares. Trata-se de um espaço de experimentação, de aproximação com a vida concreta e de reelaboração dos sentidos da formação universitária. Como enfatiza o Coletivo Lablaje (2017), é na extensão que muitas vezes se realiza a experiência mais vívida e transformadora do processo formativo, com a aplicação prática dos conhecimentos em contextos reais, em interlocução com a sociedade civil.

A potência da extensão universitária reside exatamente em sua capacidade de articular teoria e prática em uma lógica horizontal. Ela não deve ser confundida com ações assistencialistas, mas compreendida como prática político-pedagógica, com possibilidade de construir saberes contextualizados a partir da interação dialógica com populações externas à universidade (Britto, 2017). Nessa direção, é fundamental resgatar o pensamento de Paulo Freire (1992), que já denunciava a ideia de extensão como uma ação verticalizada e impositiva, ancorada em uma lógica bancária de transmissão de saberes. Para ele, a verdadeira comunicação se dá no diálogo, no reconhecimento mútuo de saberes e na construção coletiva do conhecimento. A extensão, quando pensada como comunicação, rompe com o modelo assistencialista e se configura como prática emancipatória, orientada por valores éticos e políticos, como a solidariedade, a justiça social e o compromisso com a transformação da realidade.

A Extensão é, portanto, uma forma de atuação universitária que não se confunde nem se resume ao que fazem e promovem a pesquisa e o ensino, na medida em que pressupõe o desafio de produzir conhecimento por meio de processos (e não apenas atos isolados) de interação dialógica (e não assimétrica), conjuntamente com populações não universitárias. Não se trata de assistencialismo benevolente, mas de ação política de coprotagonismo em dinâmicas sociais de finalidade comum (Britto, 2017, p.30).

Nesse sentido, com inspirações freireanas, é também no campo da extensão que se amplia a possibilidade de formação ética, estética e política dos(as) estudantes, na medida em que os processos formativos se constroem em comunhão com as experiências vividas pelos sujeitos e pelas comunidades, produzindo um saber comprometido com a transformação social e não com a sua adaptação a lógicas dominantes.

Acreditar na extensão como parte fundamental da formação acadêmica implica reconhecê-la como espaço de invenção e de travessia. É necessário fortalecer os vínculos entre extensão, ensino e pesquisa por meio de abordagens multi-inter-trans disciplinares, que dialoguem com diferentes campos do conhecimento como a arte, a literatura, a filosofia e a

história, como defendem Rovati e D'Ottaviano (2017). Essa articulação amplia os sentidos da escolha docente, das intervenções cotidianas e das formas de atuar no mundo.

Assim, mais do que sustentar a metáfora do tripé, é preciso vislumbrar a universidade como uma hélice em movimento, em que extensão, ensino e pesquisa giram em espiral, dinamicamente entrelaçados. Esse movimento espiralado não se dá de forma automática ou espontânea, mas exige intenção política, compromisso ético e práticas formativas engajadas. A indissociabilidade, portanto, não é uma condição dada, mas uma construção contínua, alimentada por práticas que recusam a fragmentação e que reconhecem a extensão como espaço de potência formativa e transformação social.

Ao transformar a indissociabilidade em práxis, essa proposição desloca a reflexão da metáfora estática do tripé para a dinâmica da hélice em movimento. Em nossa concepção, as dimensões de extensão, ensino e pesquisa não podem ser compreendidas como partes estanques de um tripé institucional. Ao contrário, sua articulação só ganha sentido quando dinamicamente conectadas em um movimento contínuo de retroalimentação, em que cada dimensão se revigora ao afetar e ser afetada pelas demais. Inspiradas(os) pelo desenho helicoidal, propomos a imagem da “hélice” como metáfora que representa esse giro vital que impulsiona o eixo central da universidade pública.

Diferente do uso da metáfora da hélice no modelo da "Triple Helix" (Etzkowitz; Leydesdorff, 1998), focado na relação entre universidade, indústria e governo, nossa proposta desloca o foco para a formação de estudantes críticos, solidários, tecnicamente competentes e socialmente comprometidos. Aqui, a hélice não é instrumento de inovação mercadológica, mas de transformação formativa e sociopolítica.

Nesse modelo helicoidal, a extensão universitária ocupa papel central ao conectar a universidade com os conflitos, saberes e experiências que brotam da realidade social. É por meio dela que a formação acadêmica se amplia, sendo desafiada por situações que não apenas provocam o conteúdo científico, mas também interpelam os(as) estudantes em sua humanidade.

A experiência extensionista tem o potencial de deslocar certezas, mobilizar afetos e suscitar inquietações. Esses deslocamentos alimentam o ensino e a pesquisa. A experiência em projetos de extensão pode levar estudantes e docentes a, por exemplo, questionarem os conteúdos escolares e os métodos de ensino-aprendizagem, motivando o desenvolvimento de novos materiais, metodologias e abordagens. Do mesmo modo, podem resultar em pesquisas acadêmicas que respondem a demandas reais, socialmente contextualizadas, surgidas a partir da escuta e do diálogo com sujeitos e territórios historicamente marginalizados.

A dúvida que emerge de uma fala escutada em uma roda de conversa, de um relato em um projeto de extensão, de uma imagem capturada em campo ou de uma prática popular partilhada, torna-se a semente de uma pesquisa. Não importa se ela se materializa em um trabalho de iniciação científica, em um ensaio artístico ou em uma monografia: o que importa é a potência criadora que nasce da escuta, do desconforto e do compromisso. Esse é o giro da hélice: o movimento transformador entre extensão, ensino e pesquisa, que atravessa sujeitos e instituições.

Como afirmam Rovati e D’Otaviano (2017, p. 21), “a extensão, por sua dimensão pública (e de espaço público), é uma oportunidade vicejante para o pensar e agir juntos”, superando visões disciplinares estreitas e projetos individualistas. Nessa lógica colaborativa, extensão-ensino-pesquisa não apenas comunicam a universidade com o mundo, mas são as próprias dinâmicas da formação, pois propõe uma práxis orientada tanto pelo rigor do conhecimento quanto pela sensibilidade ética e política que a realidade demanda.

Ao adotar a metáfora da hélice, propomos uma superação da imagem estática do tripé. O modelo tradicional tende a reforçar a separação entre as dimensões universitárias, ao passo que a hélice expressa uma interdependência em movimento, capaz de provocar deslocamentos estruturais. Deus (2020, p. 35) aponta que a indissociabilidade precisa ser constantemente vigiada, para que “as universidades não se fechem entre quatro paredes”. Segundo ela, currículos engessados, acomodação institucional e distanciamento das demandas sociais são componentes perigosos que ameaçam a função pública da universidade.

Essa crítica se desdobra também no alerta de que muitas vezes a indissociabilidade é invocada apenas como retórica. Como destaca a mesma autora, há docentes que apenas ensinam, outros que ensinam e pesquisam, mas não há quem atue exclusivamente com extensão. Isso porque quem faz extensão, invariavelmente, também ensina e pesquisa. Nesse sentido, é possível afirmar que a extensão é o eixo operativo da indissociabilidade: ela obriga o entrelaçamento entre as outras duas dimensões, provocando a hélice a girar. É a extensão que garante, na práxis, que o princípio constitucional da indissociabilidade não se transforme em letra morta.

Ao mesmo tempo, justamente por não se enquadrar facilmente em estruturas verticais e lógicas burocratizadas, a extensão desafia a universidade a se repensar. Por lidar com realidades complexas, múltiplas e muitas vezes conflitivas, ela escancara tanto as mazelas quanto as potências da instituição universitária. Como afirma Deus (2020, p. 55), “a extensão impede que

se esconda a realidade”, porque se confronta com ela, se mistura a ela, e a toma como parte constituinte do próprio fazer acadêmico.

A proposta da hélice entre extensão-ensino-pesquisa também oferece uma chave interpretativa potente para compreender e fortalecer os sentidos da curricularização da extensão no contexto das universidades públicas. Desde sua implementação legal, a extensão universitária deixou de ser atividade opcional, restrita a docentes e discentes já engajados com essa dimensão, para se tornar um componente obrigatório e estruturante da formação de todos(as) os(as) estudantes. Essa obrigatoriedade, longe de ser um entrave, representa uma oportunidade histórica: a de afetar transversalmente todos os cursos e sujeitos universitários com experiências formativas que ultrapassam os muros da academia.

Ao invés de reduzir a curricularização à adequação burocrática de cargas horárias, é preciso compreendê-la como práxis político-pedagógica que potencializa a função social da universidade pública. Inserida na lógica helicoidal, a extensão não é mais apêndice do currículo, mas parte indissociável de um movimento formativo que articula saberes acadêmicos e populares envolvendo estudantes, docentes, técnicos e público externo, promovendo encontros e criações coletivas que fazem sentido dentro e fora da universidade.

É nessa lógica que a metáfora da hélice se fortalece: o movimento não é apenas entre os pilares da universidade, mas entre a universidade e a sociedade. A extensão, enquanto práxis dialógica, horizontalizada, crítica e contextualizada, se opõe à ação unidirecional e bancária do conhecimento, pois exige escuta, humildade e engajamento, como nos inspira Freire (1970; 1992) e transforma-se na força dinâmica que desestabiliza o imobilismo institucional e mobiliza o ensino e pesquisa a se tornarem mais sensíveis, mais políticos, mais comprometidos com o bem viver coletivo.

A metáfora da hélice permite compreender a indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa para além da rigidez do tripé. Diferente da imagem estática e compartimentalizada dos três pilares, a hélice sugere movimento, interdependência e organicidade entre esses campos de atuação, que se influenciam mutuamente em um fluxo contínuo de saberes, práticas e reflexões. Assim, o ensino produz questionamentos que mobilizam a pesquisa; a pesquisa alimenta e qualifica as práticas de extensão; e a extensão, por sua vez, devolve ao ensino e à pesquisa os saberes contextualizados, os desafios concretos e as narrativas produzidas em situações reais e diversas. Esse processo cíclico, dinâmico e dialógico promove ciclos de retroalimentação que não apenas ampliam o conhecimento, mas também o reorientam de forma crítica e ética.

Nesse sentido, a hélice pode ser pensada em movimento espiralado, não linear, mas em constante ascensão e transformação, sugerindo um conhecimento que se avoluma, reorganiza e se reinventa. Trata-se de um processo de aprender e desaprender, no qual os saberes emergem de todas as dimensões da hélice extensão-ensino-pesquisa em permanente articulação e disputa, produzindo sentidos plurais, situados e eticamente comprometidos com a realidade. Essa configuração favorece uma prática acadêmica em constante revisão e transformação, na qual os elementos da hélice se ajustam de maneira crítica e reflexiva às demandas sociais, culturais e políticas. Ela se constitui como práxis político-pedagógica, sustentada pela dialogicidade e pela coautoria na construção de saberes, em sintonia com a pedagogia freireana.

Assim compreendida, o movimento helicoidal extensão-ensino-pesquisa se apresenta como campo privilegiado da formação humana, ética, estética e política dos(as) estudantes, pois há potencial para se exercitar a solidariedade, a justiça e o compromisso com a transformação social. Trata-se de uma simbiose com a realidade, na qual a universidade não apenas oferece respostas, mas se deixa interpelar, assumindo um papel ativo na construção de um conhecimento comprometido e transformador. Um instrumento de resistência-insurgência frente às consequências perversas do neoliberalismo, à mercantilização das atividades acadêmicas, à alienação cultural e às desigualdades que as acompanham.

Considerações Finais

Este ensaio teve como objetivo tensionar a concepção estática e compartimentalizada do tripé ensino-pesquisa-extensão, propondo a metáfora da hélice como possibilidade epistemológica, política e pedagógica mais condizente com os movimentos reais e desejados da vida universitária. Ao invés de três pilares isolados e lineares, pensamos em hélices em constante movimento, interdependentes e sustentadas por um mesmo eixo: o compromisso radical com a formação humana, com a justiça social e com a produção coletiva do conhecimento.

Ao retomarmos o percurso traçado neste ensaio, é preciso reconhecer que a imagem da hélice também nos ajuda a confrontar a lógica hegemônica que historicamente organizou a universidade e seu projeto de conhecimento. Se, no início, apontamos o predomínio de uma racionalidade branca e eurocentrada, é porque compreendemos que a indissociabilidade entre extensão-ensino-pesquisa, quando vivida como hélice, tem potência para tensionar essa hegemonia. Ao mover-se em direção aos territórios e aos saberes historicamente silenciados, a hélice desafia a monocultura acadêmica e convida a universidade a se repensar a partir de

múltiplas epistemologias. Assim, curricularizar a extensão, pesquisar a partir dos problemas vividos e ensinar com sentido coletivo, inclusivo e emancipador são gestos que também reconfiguram os sentidos de pertencimento, legitimidade e autoria na produção do conhecimento. A hélice, portanto, não apenas transforma a universidade por dentro: ela descoloniza seus sentidos, reencanta seus propósitos e a reconecta com os saberes e os sujeitos que historicamente foram apagados de sua história.

Defender a indissociabilidade nessa perspectiva helicoidal não é apenas reafirmar um princípio constitucional ou institucional, mas disputar sentidos sobre o que é, para quem é e para quem serve a universidade pública brasileira. É recusar a ideia de uma universidade voltada para produção de títulos, métricas e capital acadêmico, para afirmar seu caráter público, inclusivo, gratuito e socialmente referenciado. É reconhecer a universidade como espaço de criação compartilhada de saberes, de formação de sujeitos críticos e de articulação com os desafios concretos do povo brasileiro, inclusive e sobretudo daqueles e daquelas que nunca cruzaram seus portões, mas que a sustentam com seu trabalho e seus impostos.

A hélice que propomos não gira apenas dentro dos muros universitários. Seu movimento precisa alcançar a vida cotidiana em toda parte das cidades, os territórios populares, os campos, as favelas, os quilombos, os interiores, o Brasil profundo². Nesses espaços, a extensão se faz como escuta, como troca, como reconhecimento de saberes historicamente deslegitimados, mas que ganham protagonismo nesse movimento. A pesquisa se enraíza nos problemas reais, e o ensino se nutre dessas experiências, tornando-se mais significativo, mais potente, mais justo. Assim, extensão-ensino-pesquisa deixam de ser “atividades” distintas e se tornam dimensões indissociáveis de um mesmo compromisso ético-político.

Podemos imaginar essa hélice em movimento espiralado por estradas principais e vicinais, caminhos que, ao se entrelaçarem, abrem desvios, retornos, atalhos e encontros inesperados. A incerteza e a instabilidade que marcam especialmente a extensão, longe de fragilizá-la, revelam um profundo potencial formativo ao ser proposto na hélice: é justamente na abertura ao imprevisível, no deslocamento e na escuta, que se dá uma aprendizagem viva e contextualizada. O desafio que se impõe, então, é que cada campo do saber reflita criticamente sobre como tornar operacionais esses movimentos, para que a indissociabilidade não seja

² O termo "Brasil profundo" refere-se não apenas a uma localização geográfica, mas, sobretudo, a saberes e produções intelectuais forjados em contextos historicamente marginalizados, os quais tensionam as relações de saber-poder que regulam a produção e a legitimação do conhecimento no país (Santos; Lucas, 2019).

apenas um princípio declarado, mas uma práxis efetivamente comprometida com a transformação social.

A imagem da hélice, por sua natureza fluida, contextualizada e insurgente, permite visualizar essa dinâmica: não há início, meio e fim; há ciclos que se retroalimentam, que produzem deslocamentos, que provocam transformações. Ao girar, a hélice movimenta a universidade, mas também a sociedade. Move o pensamento, afeta corpos, produz outras formas de existir e resistir. E é nesse movimento colaborativo, inclusivo, plural e coletivo, que reside a potência da universidade pública: formar sujeitos críticos, comprometer-se com a transformação do mundo e devolver à sociedade o direito à dignidade, à palavra e ao saber.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRITTO, Fabiana Dultra. A Extensão universitária em tempos de crise. In: D’OTTAVIANO, Camila, ROVATI, João. **Para Além da Sala de Aula**. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional. 1º ed. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

COLETIVO CAETÉS. A Extensão na FAUUSP. In: D’OTTAVIANO, Camila, ROVATI, João. **Para Além da Sala de Aula**. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional. 1º ed. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

COLETIVO LABLAJE. A Extensão na pós-graduação: Construção de diálogo entre favela e academia. In: D’OTTAVIANO, Camila, ROVATI, João. **Para Além da Sala de Aula**. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional. 1º ed. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

CROCCO, Fábio Luiz Tezini; OLIVEIRA, Nilda Nazaré Pereira. A perna mais curta do “tripé”: Sobre os desafios e dificuldades de realizar extensão acadêmica no Brasil. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p.01-324, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/39980/39606> . Acesso em: julho, 2025.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária** : trajetórias e desafios / Sandra de Deus. – Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020. 96 p.

ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The Endless Transition: A 'Triple Helix' of University Industry Government Relations. **Minerva** 36(3), 1998. 203-208. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2403723. Acesso em: jul, 2025.

FILADELFI, Ana Maria Caliman; JASKIU, Eduarda; SIQUEIRA, Jennyfer Chantel Pellini de; TOBALDINI, Glaucia. A indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão: realidade, mito ou meta? **Revista Extensão e Cidadania**, Vitória da Conquista, v.5, n.9, n.10, jan./dez.2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/4598/3608> . Acesso em: Julho, 2025.

FORPROEX. Fórum de Pró-reitores de extensão das instituições de educação superior públicas brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: https://proexc.ufu.br/sites/proexc.ufu.br/files/media/document/Politica_Nacional_de_Extensao_Universitaria_-FORPROEX-2012.pdf. Acesso em: Julho, 2025

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229 - 1256, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n3p1229/pdfa> . Acesso em: julho, 2025

MAZZILLI, Sueli. **Ensino, pesquisa e extensão**: uma associação contraditória. 231f. Tese (Doutorado em Educação) – UFSCAR, São Carlos, 1996.

ROVATI, João; D’OTTAVIANO, Camila. Os territórios da extensão universitária. In: D’OTTAVIANO, Camila, ROVATI, João. **Para Além da Sala de Aula**. Extensão Universitária e Planejamento Urbano e Regional. 1º ed. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2017.

SANTOS, Terezinha Oliveira; LUCAS, Carlos Henrique. E não sou eu uma criança?: trabalho infantil, história e Brasil profundo. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 2, p. 107-123, mai./ago., 2019.